

## **Fadas no divã**

**Luís Augusto Fischer**

Vai faltar espaço aqui para elogiar a contento um livro lançado semana passada que tem tudo para virar um clássico. Clássico para a leitura universitária, mas também para a leitura diletante; e clássico, igualmente, como um registro abrangente da sensibilidade de nosso tempo. Um livro grande, volumoso, daqueles que o sujeito vê e imediatamente percebe que está diante de coisa relevante. É *Fadas no divã - Psicanálise nas histórias infantis*, de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso (Artmed, 326 páginas).

Se o leitor quiser avaliar a delicadeza do trabalho, comece observando as sutilezas do título: é *Fadas no divã*, a sugerir que se trata de entender as personagens das histórias infantis e juvenis pela lente da psicanálise, uma providência que afasta o risco de querer psicanalisar os autores, coisa tola, ou os leitores, coisa nefasta. *Patinho Feio*, *Dumbo*, *João e Maria*, *Branca de Neve*, *Cinderela*, *Rapunzel*, todos esses personagens são levados a sério em sua singeleza e em sua especificidade, e por isso eles e suas trajetórias falam mais claramente para nós, seus leitores (professores, pedagogos, psicólogos, pais e mães, meros curiosos, todo mundo). Segunda sutileza no título: a preposição "em", na expressão *Psicanálise nos contos de fada* e não "*dos contos de fada*", a indicar que se trata de ler as entranhas dos contos para ver ali representações de modos de contar e comentar o mundo pela privilegiada lente psicanalítica, que está na vida, e não fora dela.

O mesmo antidogmatismo e arejamento mental se acrescenta de outra virtude, a erudição do livro. Diana e Mário Corso leram muita coisa, num trabalho de escavação que lhes permite o refinamento dos grandes trabalhos científicos, aqueles que conseguem levar toda a teoria de modo leve, sem pesar a mão. Pode tirar a prova: pegue o prezado leitor qualquer capítulo e veja se lá não estão Freud, ao lado de ótimos comentaristas de literatura como Ian Watt e antropólogos como Carlo Ginzburg, todos eles digeridos e colocados a serviço da interpretação aguda dos contos e lendas do vasto patrimônio ocidental.

Os autores tiveram a delicadeza de oferecer uma chave de leitura libertária, já na entrada do livro: uma seção batizada de "*Modos de usar*" sugere ao leitor que faça seu próprio roteiro pelos capítulos, ou aleatoriamente, ou sistematicamente, ou como bem entender, porque no fim, sabemos, o leitor é que manda. Neste caso, mais ainda, porque o que ele vai ler certamente lhe vai proporcionar encontros magníficos consigo mesmo, pela via de analisar mitos antigos como os acima citados, ao lado de outros modernos, como o grande *Harry Potter* e a *Turma da Mônica*. O livro é talvez o melhor preito de nosso tempo à velha e sempre necessária arte humana de contar histórias.

**Publicado no Segundo Caderno do jornal Zero Hora, em 4 de outubro de 2005.**